

# ENTRE O INVERNO E A PRIMAVERA, “NÁRNIA ACONTECE”: PAISAGEM, LIBERDADE E OPRESSÃO EM O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA

## BETWEEN WINTER AND SPRING, “NARNIA HAPPENS”: LANDSCAPE, FREEDOM AND OPPRESSION IN THE LION, THE WITCH AND THE WARDROBE

Gabriel Vidinha Corrêa <sup>1</sup>  
Imaíra Pinheiro de Almeida da Silva <sup>2</sup>

**Resumo:** *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa, livro que compõe As Crônicas de Nárnia, de C. S. Lewis, narra as aventuras de quatro irmãos: Lúcia, Susana, Edmundo e Pedro, ao adentrarem em um Guarda-Roupa mágico na casa de um velho professor e desvelarem o país de Nárnia, com seus inusitados habitantes, nas fronteiras do imaginário. Sob o ar dessa experiência, nosso objetivo é analisar a figuração da paisagem na sua relação com os fenômenos do “Inverno” e da “Primavera”, enquanto materializações das características dos respectivos governantes: Feiticeira Branca e Aslam. Nesse sentido, aproximamos a ciência e a arte ao utilizarmos a Geografia Humanista Cultural, de abordagem fenomenológica, e a Literatura para traçarmos uma ótica interdisciplinar que usufrua das categorias Espaço, Lugar, Topofilia, Topofobia, Espaciosidade e Apinhamento. Para tanto, autores como Tuan (2005; 2012; 2013), Relph (2015), Dardel (2015), Bachelard (2008) e Feitosa (2018) nos são caros para o presente estudo.*

**Palavras-chave:** *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa. Inverno-Primavera. Paisagem. Liberdade. Opressão.*

**Abstract:** *The Lion, the Witch and the Wardrobe, a book that composes The Chronicles of Narnia, by C.S. Lewis, narrates the adventures of four brothers: Lucy, Susan, Edmund, and Peter, as they enter a magical Wardrobe at the home of an old professor and unveil the country of Narnia, with its unusual inhabitants, on the borders of the imaginary. Under the air of this experience, our objective is to analyze the figuration of the landscape in its relation to the phenomena of “Winter” and “Spring”, as materializations of the characteristics of the respective rulers: White Witch and Aslam. In this sense, we bring science and art together and use Cultural Humanistic Geography, of phenomenological approach, and Literature to draw an interdisciplinary perspective that benefits from categories Space, Place, Topophilia, Topophobia, Spaciousness, and Crowding. Therefore, authors such as Tuan (2005; 2012; 2013), Relph (2015), Dardel (2015), Bachelard (2008) and Feitosa (2018) are dear to us for the present study.*

**Keywords:** *The Lion. the Witch and the Wardrobe. Winter-Spring. Landscape. Liberty. Oppression.*

- 
- <sup>1</sup> Professor do Instituto Federal Baiano (IFBaiano). Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão e Doutorando em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia. Graduação em Letras-Libras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7278106375088969>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7567-4948>. E-mail: [gabriel.vidinha@hotmail.com](mailto:gabriel.vidinha@hotmail.com).
  - <sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão (PGCULT-UFMA). Bacharela em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Advogada. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3110560505468110>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2164-6914>. E-mail: [imairapinheiro@gmail.com](mailto:imairapinheiro@gmail.com)

## Introdução

*Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas.*

(Mia Couto – *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*)

Mais de meio século atravessa a experiência literária que coloca *As crônicas de Nárnia* (1950) em lugar de destaque no cânone literário, Clive Staples Lewis, geralmente conhecido apenas como C. S. Lewis (1898–1963), professor, teólogo anglicano, poeta e romancista, dedica-se à escrita desde a juventude até o fim de sua vida. As literaturas de língua inglesa ganham notoriedade com sua obra, que tematiza de forma holística a natureza e a humanidade em múltiplos vieses. Segundo Sabrina Gonçalves (2015, p. 48): “Lewis é reconhecido por uma inteligência privilegiada, pelo seu estilo espirituoso e pela sua imaginação”. Por isso, além da renomada *As crônicas de Nárnia*<sup>1</sup>, o autor publica também *O Regresso do peregrino* (1933)<sup>2</sup>, *O problema do sofrimento* (1940)<sup>3</sup>, *Milagres* (1947)<sup>4</sup>, e *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* (1942)<sup>5</sup>.

*As crônicas de Nárnia* reúnem sete romances intitulados: *O Sobrinho do Mago* (1955)<sup>6</sup>; *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (1950)<sup>7</sup>; *O Cavalo e seu Menino* (1954)<sup>8</sup>, *Príncipe Caspian* (1951)<sup>9</sup>; *A viagem do Peregrino da Alvorada* (1952)<sup>10</sup>; *A cadeira de prata* (1953)<sup>11</sup>; *A última batalha* (1956)<sup>12</sup>. Bem recepcionadas pelos leitores e pela fortuna crítica: *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* e *Príncipe Caspian* ganham em 2005 e 2008, respectivamente, adaptação para o cinema, sendo dirigidas por Andrew Adamson; e, em 2010, *A viagem do Peregrino da Alvorada*<sup>13</sup> ganha a sua vez, sob a direção de Michael Apted.

Nossa atenção volta-se ao romance *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, que narra a história de quatro irmãos que precisam sair de Londres em função de ataques aéreos causados pela guerra. Em meio a essa situação de sobrevivência, eles são direcionados à casa de um velho professor no campo, lugar onde a experiência da magia desnuda-se, quando Lúcia, a irmã mais nova, adentra em um guarda-roupa e conhece um país desconhecido e muito instigante.

Será evidente, como veremos posteriormente, que as relações espaciais que se configuram na vida das crianças suscitem expressões de valores que acabam por interrelacionar a vida, os objetos, as pessoas e os animais à figuração da paisagem. Em vista disso, nossa análise empreende-se em aproximar, de forma interdisciplinar, os pressupostos dos Estudos Literários e da Geografia Humanista Cultural de base fenomenológica. Isso porque, na literatura, como pontua Roland Barthes (2007), reside o poder de representar a vida. Nesse contexto, o compromisso com a figuração torna possível a criação de mundos possíveis, nos quais personagens (ou eu-líricos) fincam suas

1 The Chronicles of Narnia.

2 The pilgrim's regress.

3 The problem of pain.

4 Miracles.

5 The Screwtape Letters.

6 The Magician's Nephew.

7 The Lion, the Witch and the Wardrobe.

8 The Horse and his Boy.

9 Prince Caspian.

10 The Voyage of the Dawn Treader.

11 The Silver Chair.

12 The Last Battle.

13 The Voyage of the Dawn Treader.

existências em espaço geográficos, simbólicos, psicológicos e/ou sociais. Assim, “Entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser” (DARDEL, 2015, p. 6).

As *Crônicas de Nárnia* nascem da imaginação constitutiva do autor e de seu desejo de escrever narrativas sobre crianças. No mais restrito âmbito ficcional, Alister McGrath (2013, p. 280) pontua acerca da criação: “Tudo começou com a imagem de um fauno carregando um guarda-chuva e pacotes em meio a uma floresta nevada”. É importante destacar que a narrativa já surge convocando uma espacialidade e um ser mítico, algo que será percebido constantemente em toda a obra do autor.

A dualidade encontrada no tempo da narrativa (mundo real *versus* Nárnia) convoca-nos a pensar o espaço como uma categoria importante para a compreensão da experiência das crianças no tocante a um lugar que segue uma lógica específica. Esta constrói-se pela presença de animais antropomorfizados, pelas relações sociais vinculadas à natureza e à percepção da paisagem, além da insólita existência de um país dentro de um Guarda-roupas, que inclusive configura-se também como um personagem, em função das cargas alegóricas que lhe são instituída enquanto fronteira entre mundos. Assim, entender a representação do espaço, nesse contexto, significa dizer que este “constitui uma das principais categorias na narrativa não só pelas articulações funcionais que estabelece com as restantes categorias, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam” (FARAH, 2004, p. 52).

Objetivamos, portanto, analisar a figuração da paisagem na sua relação com a experiência das crianças e os governos de Nárnia, dando enfoque especial aos fenômenos do “Inverno” e da “Primavera” como características fundamentais dos seus respectivos governantes, quais sejam: a Feiticeira Branca e Aslam. Para tanto, recorreremos aos pressupostos dos Estudos Literários e da Geografia Humanista Cultural, principalmente, a partir dos trabalhos de Márcia Manir Feitosa (2013; 2018), Luis Alberto Brandão (2013), Yi-Fu Tuan (2012; 2013), Eric Dardel (2015), Edward Relph (2014), Gaston Bachelard (2008). Categorias como Espaço, Lugar, Espaciosidade, Apinhamento, Topofilia e Topofobia serão trazidas à baila com o intuito de compreendermos como são configuradas na obra de C. S. Lewis.

## **Aproximações entre a literatura e a paisagem: a experiência do mundo vivido**

As relações humanas consolidam-se nas raízes da terra. Não estamos fora nem além da geografia, pertencemos a ela, como pontua Edward Said (2011). Nessa acepção, reside um olhar subjetivo e existencial que liga os homens aos lugares que ocupam. Assim, a arte em primazia manifesta esses pressupostos, uma vez que “está prenhe de conteúdo, carregada de significado, densa de espiritualidade, embebida de atividades, aspirações, ideias e convicções humanas” (PAREYSON, 1984, p. 61). O espaço literário, nesse sentido, deve ser compreendido não apenas como um cenário cujas ações desenvolvem-se no tempo da narrativa, mas como um fenômeno imbuído de significados e valores que se configuram como uma totalidade capaz de consolidar a vida e o destino dos seres ficcionais.

Espaço, lugar e paisagem são categorias que adentram o universo ficcional e que alçam, muitas vezes, à categoria “personagem”, como ocorre nas obras *O cortiço* (1890) e *Vidas secas* (1938); além de criar mundos possíveis que tensionam realidades instauradas, como em *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (1965) e *O Mágico de Oz* (1900). O espaço pode, ainda, desnudar as fraturas sociais que assolam o mundo contemporâneo, vide *Olhos d'água* (2014) – Conceição Evaristo; *O sol na cabeça* (2018) – Geovani Martins; *Essa gente* (2019) – Chico Buarque. Exemplos não faltam das obras cujo espaço torna-se uma categoria que coloca em xeque a existência no mundo.

Luís Alberto Brandão (2013, p. 24), nas páginas de *Teorias do espaço literário*, aponta que o espaço precisa ser “tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como um sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica”. Essas predicções são dignas de aproximações aos pressupostos da fenomenologia de Gaston Bachelard, quando da leitura intersubjetiva em que se insere a proposta. Para o filósofo, a fenomenologia “pode

ajudar-nos a reconstituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade” (BACHELARD, 2008, p. 03). Nesse contexto, é imprescindível a aproximação dos estudos literários a outras áreas do saber, com o objetivo principal de refletir sobre epistemologias do mundo vivido que circundam a categoria “espaço”.

No bojo desse olhar interdisciplinar, convocamos o escopo teórico da Geografia Humanista Cultural, epistemologia que se dedica ao estudo das relações afetivas que os homens estabelecem com o espaço. A aproximação torna-se possível pelo fato de o texto literário criar mundos e “tal realidade se apresenta para o homem como uma forma de se reconhecer no mundo através de suas experiências, reportando-se, assim, aos lugares que auxiliam na constituição de sua identidade” (FEITOSA; MORAIS; COSTA, 2012, p. 185). Ainda sobre a relação existencial que envolve o espaço na sua relação com o texto literário, Márcia Manir Miguel Feitosa (2018, p. 30) tece considerações sobre a figuração da paisagem. Para ela:

A paisagem consiste na manifestação do movimento interno do mundo. Ela não se fecha em si mesma, antes estende o olhar para além, para a abertura do sentido e da história, para a cultura em síntese. Por meio dela, é possível ao homem ter consciência de que habita verdadeiramente a Terra.

Esse movimento interno de que fala Márcia Manir Miguel Feitosa (2018) encontra-se, também, nas predicções do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (2013, p. 200), no seu clássico *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, quando discute as relações íntimas das quais a literatura engendra. Para ele “Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar. [...] A arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas”. Essas experiências íntimas são as que intentamos analisar na obra de C. S. Lewis, tendo em vista todo o universo simbólico criado a partir da experiência com o espaço.

A teoria da percepção do espaço, proposta por Yi-Fu Tuan (2012; 2013), considera os valores dos quais os homens postulam nos lugares em que habitam, isso porque “as pessoas sonham com lugares ideais” (TUAN, 2012, p. 162), que refletem nos modos de viver e, sobretudo, nas suas existências. Algo importante que devemos considerar é o fato de que a percepção do espaço se consolida por meio da experiência. “Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. [...] Experimentar é vencer os perigos” (TUAN, 2013, p. 18).

A realidade geográfica, portanto, convoca-nos a refletir sobre como os fenômenos espaciais configuram-se na experiência humana a partir das ideias que perfazem o Espaço e o Lugar. Em um primeiro momento, as categorias soam de forma sinonímica na vida diária, no entanto há fatores afetivos e subjetivos que os diferenciam por meio da percepção individual:

‘Espaço’ e ‘Lugar’ são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. [...] O lugar é segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria (TUAN, 2013, p. 11).

Nesse sentido, espaço e lugar são fenômenos que mergulham nas dimensões significativas do viver, sendo os motivos pelos quais são balizados as manifestações concretas e simbólicas que tornam possíveis as ações do homem no mundo, uma vez que “É o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós” (OLIVEIRA, 2014, p. 15). Frente a essas questões, intentamos dizer que os lugares congregam significados caros para experiência humana, pois nesses coexistem as manifestações do pertencimento, identidade e memória, por exemplo. Categorias importantes para o fluxo da vida, pois há uma relação existencial que liga o homem à essas experiências, Ser e

Estar, portanto, entrelaçam-se de modo a garantir o destino (DARDEL, 2015).

No auge dessa discussão, que eleva o lugar a uma categoria essencial da vida, a partir da segurança e do aconchego, o também geógrafo Edward Relph (2014) propõe que o núcleo formativo da identidade do lugar imerge da “lugaridade”, como sendo as qualidades capazes de tornar um espaço, lugar a partir da experiência, logo “Sempre que a capacidade do lugar de promover a reunião é fraca ou inexistente temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade. Essas ideias são importantes porque permitem entender o lugar pela ausência, tanto quanto pela presença” (RELPH, 2014, p. 25). Assim como Yi-Fu Tuan, Edward Relph (2014, p. 31) compreende o lugar a partir da perspectiva fenomenológica que alça às vivências dimensões significativas e ontológicas, tendo em vista que o

Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é muito existencial e ontológico (RELPH, 2014, p. 31).

Essas predicções remontam à fenomenologia de Gaston Bachelard, que figura como importante contribuição para a Geografia Humanista Cultural, pois, na base da topoanálise<sup>14</sup>, os geógrafos humanistas encontram subsídios necessários para perspectivar uma nova epistemologia geográfica. Lugar enquanto microcosmo, segurança e totalidade engendram-se à abordagem de casa/lar cunhada pelo filósofo, pois “Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma” (BACHELARD, 2008, p. 26).

Mergulhado na topoanálise bachelardiana, os horizontes geográficos ampliam a discussão em torno das relações afetivas com o lugar. Assim, Yi-Fu Tuan (2012) desenvolve as ideias que perpassam uma topofilia. Para o autor: “*Topofilia* é o elo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 2012, p. 19, grifo do autor). Os sentimentos topofílicos materializam-se na experiência como sendo os lugares amados cujas qualidades são experienciadas em sua plenitude. Destacamos, também, que a topofilia é um sentimento que afeta as relações humanas no sentido positivo da existência, haja vista que habitar é a melhor forma de significar o mundo. De forma oposta a esse sentimento, é figurado na experiência do homem, a aversão a determinados lugares, sobre esse pressuposto, os geógrafos humanistas denominaram de Topofobia. Assim, “Conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico” (OLIVEIRA, 2014, p. 12).

A literatura, ao longo do tempo, vem materializando em grandes exemplos o usufruto dessas categorias nas produções literárias de vários países. O português José Luís Peixoto, em *Uma casa na escuridão* (2009), brinda-nos com um romance, em que o fenômeno do lar é violado. Os laços topofílicos, que ligavam os personagens à casa, entram em conflito quando invasores os supliciam e os tornam cativos no próprio lar. Nessa vereda, o sentimento de opressão potencializa as negatividades que moram na topofobia, fazendo com que os personagens sintam aversão àquele lugar. Ainda sobre essas categorias, a angolana/portuguesa Djaimilia Pereira de Almeida, em *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), demonstra-nos como os ideais de pertencimento e a experiência do território abalam os sentimentos topofílicos e topofóbicos, vide o personagem Cartola, que sonha em deixar sua terra natal (Angola) para morar em Lisboa e assim enraizar-se e proporcionar melhores condições de vida para seu filho e sua esposa. Desejo nunca efetivado em função das experiências negativas no transcurso do romance, tudo isso porque de certo modo o espaço “É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana” (DARDEL, 2015, p. 08).

Em sintonia com esses pontos de vistas, Eric Dardel (2015) entrelaça a ciência geográfica aos pressupostos filosóficos e literários. Ele faz desse ramo uma ciência que considera a totalidade do homem na sua relação com ideia de ser-estar-no-mundo, para ele:

<sup>14</sup> Segundo Bachelard (2008) a topoanálise é o estudo dos lugares amados expressos pelos homens, formando uma topografia íntima do ser. Para tanto, o autor elege a casa enquanto imagem ideal para análise dos horizontes subjetivos da experiência humana.

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*geographicité*) do homem como modo de existência e de seu destino (DARDEL, 2015, p. 1, grifos do autor).

Percebemos, portanto, que a experiência com o espaço, o lugar e a paisagem possibilita o desenvolvimento de vínculo visceral capaz de munir o destino do homem em múltiplas perspectivas, na persistência em ser uma “Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue” (DARDEL, 2015, p. 31).

Por meio dessas reflexões em torno da experiência espacial, nossa intenção, a seguir, é mergulharmos no romance de C. S. Lewis e experienciarmos que “[...] a paisagem não é, em essência, feita para se olhar, mas a inserção do humano no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social.” (DARDEL, 2015, p. 32), algo retomando constantemente no país de Nárnia, nas vivências dos irmãos Lúcia, Susana, Pedro e Edmundo e demais personagens que compõem o romance.

## **O Inverno e a Feiticeira Branca: tudo é gelo e o corpo congela, enquanto o mal triunfa**

– Mas quem é a Feiticeira Branca?  
– Ora, é ela quem manda na terra de Nárnia. Por causa dela, aqui é sempre inverno. Sempre inverno e nunca Natal. Imagine só! (LEWIS, 2009, p. 26).

A citada pergunta, encontra-se presente logo nas primeiras páginas do romance *O Leão, a Feiticeira e O Guarda-roupa*, feita por Lúcia ao fauno, Tumnus, habitante do país de Nárnia e primeiro ser com quem possui contato depois de sua travessia pelo guarda-roupa, para quem ele presta serviços. Desse modo, é que a Feiticeira Branca (Jadis<sup>15</sup>, de quem parte os mandados, última descendente da linha real de Charn, que migrou para Nárnia e se autodeclarou rainha deste país) é introduzida na referida história. O autor d’*As Crônicas de Nárnia* descreve a Feiticeira Branca como um ser singular, marcado pela gelidez, beleza e brancura. Nas palavras de narrador:

uma criatura muitíssimo diferente: uma grande dama, a maior mulher que Edmundo já vira. Estava também envolta em peles brancas até o pescoço, e trazia, na mão direita, uma longa varinha dourada, e uma coroa de ouro na cabeça. Seu rosto era branco (não apenas claro), branco como a neve, como papel, como açúcar. A boca se destacava, vermelhíssima. Era, apesar de tudo, um belo rosto, mas orgulhoso, frio, duro [...] (2009, p. 37).

A caracterização da responsável por condenar o país além-guarda-roupa a cem anos de neve e gelo, a feiticeira, ou Majestade, possui o seu governo ameaçado por uma profecia que previa que, “quando dois Filhos de Adão e duas Filhas de Eva se sentarem nos quatro tronos, então será o fim, não só do reinado da feiticeira, mas da própria feiticeira.” (LEWIS, 2009, p. 84). Com o intuito de impedir o cumprimento da profecia e fazer com que sempre seja inverno e o Natal nunca chegue, a Feiticeira Branca personifica significações e faz de Nárnia o seu “lugar” (TUAN, 2011, p. 08). Para isso, torna o país o reflexo de sua experiência espacial, no qual o “espaço” ao passar do tempo, seria

15 Vide O Sobrinho do Mago, primeiro romance que compõe As Crônicas de Nárnia.

carregado de significados tornando-se um lugar para ela.

A partir disso, nossa atenção volta-se à personagem Feiticeira Branca e suas relações simbólicas com as características da paisagem que se manifesta durante o seu reinado em Nárnia. Essa paisagem possui descrição interessante na passagem do romance que narra a chegada de Edmundo ao país de Nárnia:

Mas, em vez de dar na sala vazia, ficou espantado ao passar da sombra de umas **árvores grossas para uma clareira no meio de um bosque**. Sentia **sob os pés a neve dura, e havia neve também nos ramos**. **O céu era azul-pálido, céu de uma bela manhã de inverno**. Na frente dele, **entre os troncos, o sol nascia, vermelho e brilhante**. Pairava uma calma enorme, como se ele fosse o único ser vivo naquela terra desconhecida. **Nem sequer um passarinho ou um esquilo por entre as árvores**. E o bosque estendia-se a perder de vista em todas as direções (LEWIS, 2009, p. 35, grifos nossos).

A paisagem de Nárnia traz consigo alusões a várias mitologias, destas, a que possui destaque, geralmente, é a mitologia cristã, como observamos nos estudos de Cleidimar Fernandes Lima (2020) e de Talita Serpa, Celso Fernando Rocha e Vanessa Prestes Soares (2018). De outro modo, identificamos na mitologia grega, mais precisamente, no mito de Deméter e Córe-Perséfone (com a sua simbologia da formação das estações do ano, mas também, a ansiedade pela redenção e justiça) uma intertextualidade na composição da relação entre a Feiticeira Branca e a paisagem de Nárnia.

A origem do que encontramos sobre esse mito grego decorre do *Hino a Deméter – Hino Homérico II*. Apoiados pela leitura da composição, percebemos que os costumes presentes nas epopeias gregas designam o céu aos deuses, seres imortais; por outro lado, as profundezas são o destino de todos os mortais. Nesse cenário, Zeus era casado com a deusa Hera, mas possuiu relacionamentos fora do casamento, um deles foi com uma das suas irmãs, a deusa da terra fértil e da agricultura; e do relacionamento deles adveio a única filha de Deméter, Core, Koré, Cora – que significa “moça” e, posteriormente, Perséfone (KURY, 2009, p. 422).

Por causa da falta da filha, desconsolada, Deméter não voltou ao Olimpo e nem cuidou mais da Terra, e, por isso, os seres da Terra passaram a sofrer com a escassez de alimentos. Sob os clamores dos mortais, Zeus ordenou Hermes (o mensageiro) que fosse às profundezas trazer Perséfone para a superfície. Porém, Hades acorda que, durante o inverno, Perséfone o acompanharia, tempo de tristeza de Deméter. Humor que perde espaço para a alegria e felicidade, nos outros dois terços do ano, materializando-se em abundância, sol, flores e frutos, ou seja, nas épocas da primavera (estação das flores), verão (estação do calor e os dias são mais longos) e outono (quando a tristeza já começa a ocupar espaço novamente, a paisagem se torna um momento de transição entre estações antagônicas: verão e inverno, e há pouca luz durante o dia, diante da iminência da partida de Perséfone).

Notamos, assim, que, tanto em Nárnia, quanto no mito de Perséfone, a tristeza e a prisão figuram-se em gelo, em neve, em inverno, em destrutividade, em momentos infrutíferos. Cada peça e cada ser que habita esses mundos são conhecidos por seus regentes, mais do que isso, são amedrontados por esses. Outro ponto é que, para conquistarem o que almejam, faz-se por meio da inocência de suas presas, seja Hades ofertando a romã para Core, tornando-lhe Perséfone; seja a Feiticeira Branca que, ao ofertar o manjar tão desejado por Edmundo, faz com que ele recaia em encantamento e torna-lhe um traidor de seus irmãos. Dessa forma, a ganância e o desejo presentes na Feiticeira Branca e em Hades materializam-se na paisagem e moldam experiências corporais, sentimentos, sensações e comportamentos.

Assim, os corpos desses dois seres aproximam-se da humanização, haja vista que “ser humano é viver em um mundo que é cercado de lugares significativos: ser humano é ter e conhecer seu lugar” (RELPH, 1976, p. 01) – mesmo com o Sr. Castor, personagem da história, tenha explicado “que a Feiticeira Branca não era de fato humana, mas da raça dos gênios e dos gigantes [...]”

(LEWIS, 1950, p. 83); e figuras como o castelo da Feiticeira Branca, o reinado de Nárnia, a casa de Hades não podem ser percebidas objetivamente. Posto isso, as existências seriam edificadas pelas experiências vivenciadas pelo lugar (na qualidade de fenômeno vivido).

Por se relacionar às experiências vivenciadas, “lugar” é algo multifacetado, podendo ser admitido em nossos bairros, nas nossas cidades, ou, até mesmo, locais nunca frequentados, mas conhecidos pelos olhos de pessoas que estimamos ou meios de comunicação; indo, assim, da intimidade à vastidão do planeta Terra (MELLO, 2011). Contudo, há também uma dinamicidade, visto que as nossas relações, impregnadas de afetos que nos conectam ao lugar, são compostas por dualidades, que geram sensações topofílicas ou topofóbicas (RELPH, 1979). Isso é evidente na fala de Tumnus, ao descrever o que lhe aconteceria se a Feiticeira Branca descobrisse a sua insolência:

Mas, nesse caso – e ele começou a chorar –, ela vai descobrir tudo. E vai mandar que me cortem a cauda, serrem meus chifres, arranquem minha barba. Com a vara de condão é capaz de transformar meus bonitos cascos fendidos em horrendos cascos de cavalo. Mas, se estiver zangada mesmo, é capaz de me transformar em estátua de fauno. Vou ficar naquela casa horrível, até que os quatro tronos de Cair Paravel sejam ocupados... Sabe-se lá quando isso vai acontecer (LEWIS, 2009, p. 27).

Compreender o lugar com esse olhar proporciona-nos apontar as disparidades que se constroem na vida em Nárnia durante o governo da Feiticeira Branca; um lugar que vai além das fronteiras do espaço-tempo, com portais mágicos, seres diversos, mas que, simultaneamente, expõe os seus habitantes a situações de opressão e violência. Ao associar as noções de espaço e lugar, Yi-Fu Tuan (2013) apresenta-nos uma análise interessante para pensar os choques entre lugar e mobilidade, experiência recorrente no romance, que dispõe boa parte dos seus personagens em mobilidade, no trânsito entre lar e florestas, entre Nárnia e a Terra. O autor pontua que o lugar é uma “pausa no movimento” (TUAN, 2013, p. 169), ou seja, um momento de experiência espaço-temporal que implica que uma localidade se materialize no núcleo de significações inserido no tempo. Dessa maneira, o caminho passa a se revestir em um simbolismo para todos os seres que comungam daquele espaço e que passam a conferi-lo com traços de lugar (TUAN, 2013).

Podemos elencar tanto a caminhada pelo bosque trilhada por Lúcia e Tumnus; ou a fuga dos quatro irmãos, o Sr. Castor e a Sra. Castora para um esconderijo e o encontro com o Papai Noel, ou a caminhada pelo monte feita por Aslam, Lúcia e Susana, como passagens de destaque. Haja vista que, nelas, concretizam-se exemplos que não se resumem a um espaço-tempo de travessia, um local-momento de passagem restrito à circulação. Outro exemplo é quando ocorre a viagem protagonizada pelo Anão, a Feiticeira Branca e Edmundo em caçada ao filho de Adão e as Filhas de Eva e o encontro com os esquilos, que comemoravam a vinda do Papai Noel:

Seria preciso muitas páginas para descrever essa viagem. Mas vou dar um grande salto e passar para o momento em que a neve cessou de cair e eles deslizavam com a luz do dia. [...] Edmundo aguardou ansioso que ela falasse em almoço. Mas era outra coisa. A pouca distância, debaixo de uma árvore, estava um grupinho alegre, do qual faziam parte um esquilo, com a mulher e os filhos, dois sátiros, um anão e uma velha raposa. Todos sentados em banquinhos em volta de uma mesa. Edmundo não conseguiu distinguir a comida, mas o cheiro era uma delícia e pareceu-lhe ver decorações próprias da época de Natal (LEWIS, 2009, p. 113).

As trilhas passam a ser o cenário onde o romance se desenvolve, e, quando focalizadas



na narrativa, representam anunciações, revelam sentimentos, apontam mudanças que estão acontecendo em Nárnia e que serão fundamentais para o futuro dos personagens envolvidos. É nesse contexto que, em meio à dinamicidade do lugar, os corpos representam uma faceta emblemática na experiência da mobilidade. A ideia de “corpo vivo” desenvolvida por Yi-Fu Tuan (2013), leva-nos a refletir que o corpo não se restringe a um objeto que ocupa lugar no espaço. O corpo gere o espaço, sente o espaço, possui a capacidade de perceber o espaço, pontos cruciais para a criação da consciência do mundo vivido.

Todavia, a experiência advinda do corpo não é estagnada. O corpo é composto pela capacidade de agir. Na experiência dos cem anos de neve e gelo sob o comando da Feiticeira Branca, Nárnia e seus habitantes se entrelaçam, confeccionando um palco onde ascende uma série de valores. Por isso, quando ressaltamos a expressão “cem anos de neve e gelo”, por exemplo, não é simplesmente ao período de poder da Feiticeira Branca que fazemos referência, mas também a um complexo de elementos que integram, alicerçam e compõem Nárnia. Para o *Dicionário de Símbolos* o número “Cem” está carregado de significações que dialogam diretamente com a experiência em Nárnia:

O cem é uma parte que forma **um todo dentro do todo**, um microcosmo dentro do macrocosmo, que distingue e individualiza uma pessoa, um grupo, uma realidade qualquer dentro de um conjunto. E essa entidade assim individualizada possuirá suas propriedades distintivas, que a tornarão de uma eficácia particular dentro de um conjunto mais vasto (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 219, grifos dos autores)

A neve dura alcança os ramos das árvores; o céu azul-pálido típico de uma bela manhã de inverno, sem passarinho ou um esquilo por entre as árvores; a eterna tristeza pela ausência da alegria do Natal e da magia do Papai Noel; os seres transformados em estátuas de pedra pela magia da varinha da Feiticeira Branca. Tudo isso faz parte da compreensão de “cem anos de neve e gelo”. Por esse sentido, tanto a experiência corporal quanto a paisagem são disciplinados pela sua vivência cotidiana em Nárnia e de Nárnia. O poder autoritário da Feiticeira Branca, sua capacidade de transformar seres em estátua de pedra, a proibição de humanos no território do país em foco, o sustentamento da maldição do inverno são ações que auxiliam no processo de controle.

Por sua vez, o estabelecimento de regras não resulta no fato dos narnianos as seguirem sem resistência. O corpo possui a capacidade de se adaptar às regras seguindo o seu ritmo, criando um conflito entre qual regra cumprir e qual descumprir. Um exemplo disso é quando Tumnus nega os direcionamentos da Feiticeira Branca e deixa Lúcia escapar. Outro exemplo presente no romance se materializa na construção de esconderijos pelos castores. Portanto, podemos compreender que, na experiência corporal em Nárnia há um conflito entre as normas advindas do processo de controle e a ruptura de obstáculos, pontos que promovem formas inéditas de experiência do lugar.

Para refletir sobre essas formas de figuração do lugar, as compreensões de “espaciosidade” e “apinhamento”, formuladas por Yi-Fu Tuan (2013) nos são caras. Essas duas expressões antitéticas configuram-se como sensações que se manifestam a partir da experiência de lugar. Posto isso, “espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço; [...] O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente [...], é o poder básico de locomover-se” (TUAN, 2013, p. 70). Porém, perguntamos: a sensação de espaciosidade pode ser relacionada com a paisagem de Nárnia sob os mandos da Feiticeira Branca? Para nós, a resposta para essa pergunta é negativa.

Durante o romance, é constante a materialização do medo do espaço e a privação da liberdade dos narnianos como consequência do poder exercido pela Feiticeira Branca. A conduta da personagem priva a liberdade de trânsito, de experiência espaço-temporal, de vida em Nárnia, colocando em iminência todos os personagens de serem transformados em estátuas de pedra ou de serem alvos de outro castigo, de outra crueldade advinda das suas mãos. O medo ocasionado pela feiticeira fica evidente no seguinte fragmento:

Quando o trenó parou, a raposa, que era a mais velha entre os presentes, tinha acabado de levantar-se e erguia uma taça na pata dianteira, preparando-se para dizer algumas palavras. Mas, logo que os membros do grupo viram o trenó parar e compreenderam quem ia nele, a alegria sumiu. O esquilo pai deteve o garfo a meio caminho da boca; um dos sátiros parou o garfo já dentro da boca; e os esquilinhos começaram a berrar de medo (LEWIS, 2009, p. 114).

Ao ocasionar isso, a Feiticeira Branca acarreta o sentimento de apinhamento. Essa sensação se relaciona com a restrição da nossa liberdade e privação do espaço que são frutos da ação de outras pessoas sobre nós (TUAN, 2013); em outras palavras, é a sensação de limitação do corpo de agir sobre o espaço. Por isso que, o que adotamos como apinhamento aproxima-se da ideia de violência, tanto a física (como a transformação de seres vivos em estátuas), quanto a psicológica (que é a sensação de medo despertada quando a figura da Feiticeira Branca é evocada). Essa sensação, inclusive, pode ser ocasionada por atividades conflituosas, como quando Edmundo se encontra presente na conversa, depois do jantar com os seus irmãos e o Sr. Castor e a Sra. Castora, e ouve o nome de Aslam. Logo, “[...] começou a esgueirar-se por debaixo do reposteiro que cobria a porta. Bastava o nome de Aslam para dar-lhe uma sensação misteriosa e horrível, assim como aos outros dava uma misteriosa sensação de encantamento” (LEWIS, 2009, p. 89).

Sobre essas sensações, ressaltamos que, a espaciosidade não se fundamenta apenas na relação com amplitude do espaço. Tão pouco, ocorre apinhamento diante da redução da capacidade de locomoção. Tais sensações encontram-se sujeitas a variados cenários, interpretações e representações, como nas experiências dos habitantes de Nárnia. Na leitura do romance, presenciamos que nem todos os narnianos eram afetados da mesma forma pelas condutas da Feiticeira:

Estavam agora num lugar sombrio, onde cresciam quatro árvores tão juntas que os ramos se tocavam; e o chão estava coberto de agulhinhas de pinheiro, porque ali a neve não entrava. O castor falou:

– Vocês é que são os Filhos de Adão e as Filhas de Eva?

– Somos sim – respondeu Edmundo.

– Psssiu! – fez o castor. – Por favor, não fale tão alto. Nem aqui estamos muitos seguros.

– Mas... de que é que o senhor tem medo? – perguntou Pedro.  
– Estamos sozinhos aqui.

– E as árvores? – respondeu o castor. – Estão sempre escutando. Quase todas estão do nosso lado, mas há outras que são capazes de contar para ela. Já entenderam de quem estou falando... – E abanou a cabeça várias vezes (LEWIS, 2009, p. 70).

Desse modo, espaciosidade e apinhamento estreitam-se à corporeidade e a noção de lugar. Esses mesmos corpos que durante a crueldade tinham a companhia e o castigo pela neve e o gelo, com o desenrolar do romance e o caminho rumo ao cumprimento da profecia, começam a mudar. Visto que “o encantamento começa a quebrar-se” (LEWIS, 2009, p. 101).

## “Um rosto dourado e um rosto nevado”: Aslam e a primavera que liberta

A opressão que recai tempos a fio no país de Nárnia, em função dos ideais duvidosos da Feiticeira Branca, tem seus dias contados com o cumprimento de uma profecia antiga e com o retorno do grande rei, cujo nome precede todas as coisas: Aslam, o grande Leão, Rei dos Bosques, filho do grande Imperador de Além-Mar. A presença de Aslam abala todas as relações que se manifestam no tempo da narrativa, sobretudo, por tensionar o poder que sobrevoa aquela realidade mágica ostentada pela Feiticeira Branca.

É evidente os sentimentos positivos sendo materializados pelos personagens antes mesmo de Aslam se tornar presente no espaço. A evocação do seu nome causa uma espécie de sensação que suaviza a paisagem e experiência dos personagens em detrimento à opressão que transita em Nárnia. Esse fenômeno é percebido primeiramente quando o Senhor e a Senhora Castor falam sobre o Leão aos meninos:

E aí aconteceu uma coisa muito engraçada. As crianças ainda não tinham ouvido falar de Aslam, mas no momento em que o castor pronunciou esse nome, todos se sentiram diferentes. [...] Ao ouvirem o nome de Aslam, os meninos sentiram que dentro deles algo vibrava intensamente. Para Edmundo, foi uma sensação de horror e mistério. Pedro sentiu-se de repente cheio de coragem. Para Susana foi como se um aroma delicioso ou uma linda ária musical pairasse no ar. Lúcia sentiu-se como quem acorda na primeira manhã de férias ou no princípio da primavera (LEWIS, 2009, p. 71).

Na essência das experiências dos irmãos é remontada a simbologia que gira em torno da figura do Leão, uma vez que “ele é a própria encarnação do Poder, da Sabedoria, da Justiça” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2016, p. 538), características dignas ao verdadeiro rei. Um fato que vale a pena destacar é que a onipresença de Aslam é experienciada de forma negativa por Edmundo, isso pelo fato de a magia da Feiticeira Branca estar pairando sobre o menino.

A vibração intensa de Aslam reveste aquela realidade de uma outra roupagem. Palavras como “aroma”, “musical”, “ar”, “férias” e “primavera” estão carregadas de significados que animam a paisagem. A esperança que reside na imagem da Aslam está muito além de um possível combate com a Feiticeira Branca, implica, sobretudo, todas as existências e subjetividades que são compartilhadas no lugar. Nessa relação “O sentido de lugar implica o sentido da vida e, por sua vez, o sentido de tempo” (OLIVEIRA, 2014, p. 3). Nas páginas do romance, percebemos, portanto, essas colocações reverberando nas vivências opressoras que cerceiam a vida. O retorno de Aslam se configura como um novo momento capaz de ressignificar os sentidos da vida e da existência. Assim, como quem canta louvores, os Castores recitam um poema com imagens da vinda do Grande Leão: “O mal será bem quando Aslam chegar,/ Ao seu rugido, a dor fugirá,/ Nos seus dentes, o inverno morrerá,/ Na sua juba, a flor há de voltar” (LEWIS, 2009, p. 81).

Essas ações confirmam que a presença de Aslam faz-se necessária para os personagens experienciarem relações positivas com a paisagem e viverem em bem-estar, isso porque “O homem, como resultado de sua experiência íntima com o seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais” (TUAN, 2013, p. 49). Essas observações de Yi-Fu Tuan traduzem a realidade em que se insere Nárnia, pelo fato de, antes de seu retorno, os personagens não vivenciarem a plenitude que os deveriam ligar ao lugar. A presença contínua de uma estação revela que para além do frio, o fenômeno se reifica a partir do poder e controle da realidade e, portanto, a privação para os seres que se apresentam na contramão dos ideais da Feiticeira Branca.

Os acontecimentos progridem na medida em que a presença do Rei repercute em muitos âmbitos da narrativa, como podemos observar nas passagens em que o Papai Noel distribui

presentes, os habitantes se confraternizam em pequenas reuniões e, de forma mais instigante, o degelo acontece. Essas sensações são animadas a partir do declínio do poder opressor, causado pela magia de Aslam e implicam em configurações da espacialidade que está intimamente relacionada em poder atuarem livremente no espaço e “Estar livre tem diversos níveis de significados” (TUAN, 2013, p. 70). Nesse contexto, um século de maldição se desfaz cumprindo, portanto, a profecia antiga. Nessas circunstâncias mágicas, a Feiticeira Branca e seus seguidores percebem a paisagem se transfigurando:

Edmundo reparou que a neve era muito mais úmida que na noite anterior. Reparou também que sentia muito menos frio e que um pouco de nevoeiro ia-se formando. E o trenó já não deslizava com tanta rapidez. Pensou a princípio que as renas estivessem cansadas, mas logo compreendeu que a verdadeira razão não era essa (LEWIS, 2009, p. 116).

O sentido de lugar como nos sugere Edward Relph (2014, p. 24) reside na “capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades” a partir das matrizes da lugaridade. Em Nárnia, esse sentido emerge quando da tão esperada primavera que agora possibilita aos personagens as vivências do que antes era proibido:

Botões de açafão cresciam em torno de uma velha árvore, em tons de ouro, púrpura e branco. E chegou uma música ainda mais deliciosa que o murmúrio das águas. Empoleirado num ramo, um passarinho começou a chilrear. Um outro respondeu mais adiante. Como se fosse um sinal, ouviram-se trinos e gorjeios por toda parte e todos começaram a cantar ao mesmo tempo. Em poucos minutos, o bosque ressoava com a música da passarada. Eram passarinhos por todos os recantos, pousando nas margens, levantando vôo para o céu, perseguindo uns aos outros, discutindo, alisando as penas com o bico.

– Mais depressa! Mais depressa!

O céu estava todo azul; só de vez em quando umas nuvens brancas passavam, apressadas. Nas grandes clareiras havia malmequeres. A brisa leve atirava gotas de orvalho dos ramos oscilantes no rosto de Edmundo. As árvores voltavam à vida, algumas vestidas de verde, outras cobertas de dourado. Uma abelha atravessou o caminho zumbindo.

– Isso não é degelo – disse o anão, parando de repente. – É a própria primavera! E agora, que vamos fazer? O seu inverno está sendo destruído, Majestade! Não há dúvida alguma! Só pode ser obra de Aslam! – Se alguém mencionar de novo esse nome, morre imediatamente! – esbravejou a feiticeira (LEWIS, 2009, p. 119).

É evidente como de forma insólita a paisagem muda e traz consigo esperanças capaz de vencer as forças da Feiticeira Branca e sua horda. Além disso, Aslam com sua “voz, profunda e generosa, teve o efeito de um calmante. Ficaram alegres e animados” (LEWIS, 2009, p. 125).

Comprendemos que Aslam é uma figura importante para reestruturação de Nárnia. No entanto, a Feiticeira Branca não se deixa vencer. Recorre, portanto, à traição de Edmundo como forma de resgatar seu poder, matando um dos filhos de Adão. Essa decisão consolida um levante entre as forças de Aslam e a dela. Mais uma vez a Feiticeira Branca é derrotada por não conhecer a essência da grande magia e a vida de Edmundo é salva pelo Leão.

Iluminado pelo sol nascente, Aslam retorna dos mortos e coroa os novos reis de Nárnia no salão de Cair Paravel. As interdições que povoam Nárnia deixam de fazer parte do cotidiano e um novo tempo se apresenta: “Os dois reis e as duas rainhas governaram Nárnia, e o reinado foi longo e feliz. [...] fizeram leis justas, mantiveram a paz [...] E deram força para as pessoas comuns, que só querem viver e deixar que os outros também vivam.” (LEWIS, 2009, p. 175). Percebemos, portanto, um novo lugar cujas raízes dão evidências a uma nova concepção de existência. Nas palavras de Dardel (2015, p. 31) isso acontece porque “A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar como ser individual ou coletivo”. Pulsa assim, uma nova geograficidade no país de Nárnia que liga os habitantes à cumplicidade essencial para viver em harmonia.

## Considerações Finais

Habita nas páginas do romance de C. S. Lewis aquilo que Eric Dardel (2015, p. 2) traz à baila sobre a ciência geográfica que elege a Terra como “um texto a decifrar” e “que o desenho da costa, os recortes das montanhas, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto”. Assim, a linguagem geográfica se entrelaça à linguagem literária desvelando o grande universo da natureza humana e (dada a singularidade da ficção) para além dela.

Inverno e Primavera são percebidos como fenômenos que abalam as experiências dos personagens, afetando, principalmente, suas formas de viver e de existir. À luz da Geografia Humanista Cultural, foi possível compreendermos que a expressão do espaço, lugar, espacialidade, apinhamento e demais abordagens da paisagem ligam-se de forma íntima às figuras emblemáticas de Aslam e da Feiticeira Branca, personagens que alegorizam a liberdade e opressão, o inverno e a primavera.

De forma singular, também os irmãos que adentram o Guarda-roupa, experienciam Nárnia na dualidade dos governos. Situações que trazem à tona sentimentos complexos cujas raízes são cingidas a partir do fenômeno do lugar. Lúcia, Susana, Edmundo e Pedro são exemplos que saltam aos nossos olhos, mostrando que há vida na ficção e há sentidos subjetivos na expressão da paisagem que figura Nárnia.

## Referências

- ALBERTO BRANDÃO, Luis. **Teorias do espaço literário**. Belo Horizonte: Perspectiva/FAPEMIG, 2013.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etimológico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FARAH, Paulo Daniel. **Geografia da ausência: o espaço na Literatura Palestina (da terra natal ao Brasil)**. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.
- FEITOSA, Márcia Manir Miguel. **A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão**. São Luís: Café e Lápis, 2018.
- FEITOSA, Márcia Manir Miguel; MORAES, Cláudia Letícia Gonçalves; COSTA, Janete de Jesus Serra. O

entrelaçamento de fios entre a Geografia e a Literatura: a construção de um saber múltiplo. **Revista NUPEM (Online)**, v. 4, p. 185-193, 2012.

HOMERO. **Hino homérico II: a Demeter**. Tradução de Leonardo B. Antunes. Neolympikai, 24 jun. 2015. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2015/06/hino-homerico-2-demeter.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LEWIS, C. S. **O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupas**. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIMA, Cleidimar Fernandes. **O simbolismo religioso no filme As Crônicas de Nárnia: O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa**, baseado na obra de Clives Staples Lewis. 2020. 92 p. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11624/2901>. Acesso em: 24 jan. 2021.

MCGRATH, Alister. **A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia**. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo cristão, 2013.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar (The humanistic perspective of space and place). **Revista ACTA Geográfica**, v. 5, n. 9, p. 07-14, 2011.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther, OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SERPA, Talita; ROCHA, Celso Fernando; SOARES, Vanessa Prestes. A construção da personagem Aslan e suas relações com o universo cristão em língua inglesa e em língua portuguesa: um estudo baseado no corpus da obra de C. S. Lewis. **Ilha Desterro**, Florianópolis, v. 71, n. 1, p. 77-102, jan. 2018.

SERRA, Orped. **Navegações da cabeça cortada: breve incursão no campo dos Estudos Clássicos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 10 de fevereiro de 2021.  
Aceito em 12 de janeiro de 2022.